

Douglas Mansur/Arquivo O SÃO PAULO

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

DOM PAULO Profeta, Pastor e Sacerdote

“Sou padre, mas tirado dentre o povo”, assim dizia com frequência Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) ao falar da própria trajetória vocacional.

Filho de colonos alemães, o Frade Franciscano, nascido em Forquilha (SC),

chegou à Arquidiocese de São Paulo em 1966, como Bispo Auxiliar, e tornou-se Arcebispo Metropolitano em 1970, função que desempenhou até 1998, colocando em prática a proposta do Concílio Ecumênico Vaticano II de maior participação dos

leigos na vida eclesial, de atuação do clero a partir da realidade do povo de Deus e de respeito à dignidade humana, razões pelas quais Dom Paulo é ainda hoje recordado na Igreja e na sociedade.

Páginas 4 a 14

‘O que faria Dom Paulo, se estivesse hoje diante da Arquidiocese?’

Página 2

A gratidão do ‘Cardeal da Esperança’ ao povo de Deus na metrópole

Página 3

Acadêmicos e políticos enaltecem a atuação social de Dom Paulo

Página 15

Em livros, Cardeal Arns tratou sobre temas da Igreja e da sociedade

Página 16



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Se Dom Paulo vivesse hoje?

a partir das diretrizes do Concílio Vaticano II; e ficaria triste com rachaduras e polarizações na vida interna da Igreja. Estaria acolhendo com entusiasmo o chamado do Papa a percorrermos um caminho de “renovação sinodal” na Igreja, na qual cada membro se alegra por participar da comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo e realiza a sua parte na vida e missão da Igreja. Ele não aceitaria jamais que a Igreja fosse reduzida a uma figura social caracterizada pelas bipolaridades esquizofrênicas do “nós-contra-eles”, nem do “nós-para-eles”, em que alguns se julgam os benfeitores e os demais são vistos como os assistidos. A Igreja é sempre um “nós-com-Elle”, com Jesus Cristo, reunida na caridade, no dom do Espírito Santo. Dom Paulo estaria em comunhão com os demais bispos do Brasil, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ajudando a discernir sobre as atuais questões religiosas, políticas e sociais do nosso País, à luz do Evangelho e do ensino social da Igreja.

Com certeza, ele continuaria preocupado com as imensas periferias pobres da cidade, não apenas geográficas, mas especialmente humanas, sociais, econômicas e cul-

turais. Tenho a certeza de que Dom Paulo estaria apelando à metrópole para que assumisse como questão de honra e desafio político da inteira comunidade urbana a situação aviltante dos pobres, moradores de rua, dos cortiços e da “cracolândia”. Estaria dizendo que o sofrimento da imensa população que vive no descarte, em condições precárias nesta rica cidade de São Paulo, é de todos e não deve deixar ninguém indiferente. Ele apoiaria, sem dúvida, a vacinação contra a COVID-19, o uso de máscaras e demais medidas preventivas para a preservação da vida e saúde pessoal, e como gesto consciente e solidário de cuidado e de atenção ao próximo.

Dom Paulo estaria clamando por justiça e paz entre os povos, apelando aos governantes para que não pensem apenas nos interesses dos próprios povos, mas sejam justos e solidários com as nações mais necessitadas de ajuda e promovam o bem de todos os povos. Tenho a certeza de que ele também assinaria sem reservas as encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*, do Papa Francisco, em benefício da “casa comum”, da preservação do ambiente da vida na Amazônia e da fraternidade de toda a grande família humana. Dom Pau-

lo estaria, certamente, conclamando as lideranças sociais a unirem esforços para cultivar e aprofundar os valores da convivência democrática e da paz, sem desrespeito aos direitos humanos mais sagrados e, ao mesmo tempo, sem a exacerbação dos direitos subjetivos individuais dos mais fortes em prejuízo dos mais fracos.

Ah, se Dom Paulo estivesse vivo... Mas precisa ele estar vivo para que nos sintamos comprometidos com essas mesmas causas? A tarefa de construir um mundo mais justo, fraterno e solidário, respeitoso da dignidade de cada pessoa, continua. E não abandonamos a utopia de ver um Brasil bom para todos, unido em torno dos mesmos grandes ideais, justo e atento às necessidades dos brasileiros, aberto a receber as legítimas contribuições de todos os cidadãos. Segue o desafio permanente do diálogo com todos, em que seja superada a pretensão da visão única e exclusiva sobre a realidade. Dom Paulo, no seu centenário, nos recorda que essas causas não são dele, mas de todos nós. Nesta época e diante das atuais circunstâncias, somos nós os protagonistas da construção de um tempo novo, “de esperança em esperança”.

O centenário de nascimento do Cardeal Paulo Evaristo Arns, 5º Arcebispo metropolitano de São Paulo, nos oferece a ocasião para uma reflexão sobre muitos aspectos de sua personalidade e ação. Ele viveu e atuou em circunstâncias próprias de uma época. Teve traços de uma personalidade que era somente sua. No entanto, muito do que ele disse e fez continua significativo para os nossos tempos. Como seu segundo sucessor na Sé de São Paulo, faço esta pergunta: o que diria e o que faria Dom Paulo, se estivesse hoje diante da Arquidiocese de São Paulo?

Certamente, como homem de Igreja, ele estaria em comunhão com o Papa Francisco e acolheria sem reservas o seu apelo para sermos, sempre mais, uma “Igreja em saída missionária”. E veria com grande esperança a renovação da vida da Igreja proposta pelo Papa Francisco,

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

A FUNDAÇÃO METROPOLITANA PAULISTA, CNPJ/MF nº 50.951.847/0001-20, nos termos do artigo 8º, caput, primeira parte, do Estatuto alterado e consolidado em 30.03.2017, devidamente registrado sob nº 718.169, junto ao Terceiro Oficial de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Paulo em 17.05.2017, convoca os membros do Conselho Curador para a Assembleia Geral Ordinária a realizar-se em sua sede à Avenida Higienópolis nº 890, sala 16, São Paulo, SP, na data de 27 de setembro de 2021, às 14:00 horas, em primeira chamada, com todos os membros do Conselho Curador; e, às 14:30 horas, em segunda chamada, com os membros do Conselho Curador que estiverem presentes. A Assembleia Geral Ordinária terá como pauta: 1 – Apresentação da proposta de contratação de auditoria externa para cumprimento do termo do artigo 24, parágrafo segundo, do estatuto vigente; 2 – Nomeação de novo Membro do Conselho Fiscal em razão de vacância, nos termos do artigo 15 do estatuto vigente; 3- Assuntos gerais dos Órgãos de Serviços da Fundação Metropolitana Paulista; 4 - Outros assuntos. São Paulo, 10 de setembro de 2021.

Presidente da Fundação Metropolitana Paulista.

Dom Odilo Pedro Scherer
Presidente

DECRETO DE NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL:

Em 01/09/2021, foi nomeado e provisionado como **Vigário Paroquial**, “*ad nutum episcopi*”, da **Paróquia São José**, no bairro do Ipiranga, na Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo **Padre Oberdan Santana da Silva**, NDS.

DECRETO DE NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ADMINISTRADOR PAROQUIAL:

Em 01/09/2021, foi nomeado e provisionado como **Administrador Paroquial**, “*ad nutum episcopi*”, da **Paróquia São José**, no bairro do Ipiranga, na Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo **Padre Benedito Donizetti Vieira**, NDS.

DECRETO DE PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE DIRETOR ESPIRITUAL

Em 08/09/2021, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Diretor Espiritual da Federação Mariana Feminina – Filhas de Maria**, da **Arquidiocese de São Paulo**, do Reverendíssimo **Cônego José Adriano**, pelo período de **03 (três) anos**.

Atos da Cúria

DECRETO DE NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE PASTORAL:

Em 30/08/2021, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral**, “*ad nutum episcopi*”, da **Paróquia Rainha Santa Isabel**, no bairro Vila Bandeirantes, Setor Casa Verde, na Região Episcopal Sant’Ana, o **Diácono Permanente Franco Antônio Abelardo**.

Em 31/08/2021, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral**, “*ad nutum episcopi*”, da **Paróquia Nossa Senhora das Graças**, no bairro Vila Nova Cachoeirinha, Setor Casa Verde, na Região Episcopal Sant’Ana, o **Diácono Permanente José Luiz Silvério**, em decreto que entrou em vigor em 12/09/2021.

CONVÊNIO DE AJUDA MISSIONÁRIA:

Em 09/09/2021, foi assinado o Convênio de ajuda missionária entre a Arquidiocese de São Paulo e a Arquidiocese de Brasília, pelo período de 03 (três) anos, referente ao serviço sacerdotal do Reverendíssimo Padre Sebastião de Souza Júnior.

Editorial

Aos amigos de São Paulo

Reproduzimos a seguir a carta de Dom Paulo Evaristo Arns, publicada na capa da edição do O SÃO PAULO de 13 de maio de 1998, seu último texto na condição de Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Meus amigos, católicos, cristãos, homens que buscam Deus e que seguem a consciência na procura da verdade e do bem:

Às vésperas de deixar o cargo de Arcebispo Metropolitano de São Paulo, desejo expressar o mais profundo afeto e gratidão a todo o povo e seus padres, seminaristas, religiosas e religiosos, consagrados e consagradas e aos bispos, por terem alimentado a minha esperança cotidianamente nestes 27 anos, 5 meses e 23 dias de lutas em comum.

Prezados amigos: o meu primeiro pedido é de darmos todo o afeto e ajuda aos que mais sofrem. Nesses longos anos, tivemos muitos encontros que nos fortaleceram mutuamente. O povo todo esteve sempre diante de nossos olhos e bem dentro do coração. O povo da rua que o diga, neste momento. Nenhuma só vez fui por ele recebido com indiferença, embora não lhe pudesse dar tudo o que desejava.

Quero dizer-lhes, de coração: continuem a formar os seus núcleos, a fim de buscar alternativas para a subsistência material e o conforto espiritual. A Casa de Oração do bairro da Luz aí está, para acolhê-los.

À classe média e a todos que possuem mais recursos, lembro o que tantas vezes comentamos: não podemos viver como indivíduos, mas temos que assumir a dignidade e a missão de pessoas que vivem para a sua família, mas também para todo o povo. Só assim atingiremos as queridíssimas crianças e restituiremos aos jovens a sua esperança.

A todos os cristãos, sem distinção de classe, transmito nesta hora a palavra mais sen-



Douglas Mansur/Arquivo O SÃO PAULO

tida de gratidão e amizade. Apoiamo-nos mutuamente e foi nesse sentido que eu me considerei pastor desta cidade, designado pelo Cristo, que supre as nossas deficiências e aceita os nossos pedidos.

Aos religiosos e demais consagrados, devo a graça de me abrirem o caminho para o coração do povo. Foram elas e eles que possibilitaram o contato com os grupos que mais sofrem e por vezes até com povos distantes que se interessam pelo Brasil. Eles e elas souberam o que significa amar. Se pudermos dar-lhes um conselho, nesta última palavra oficial, diremos que cultivem o seu carisma e os seus talentos, porque assim cumpriremos a missão evangélica e nos tornaremos instrumentos do plano divino.

Foi o Criador que nos deu olhos e os demais sentidos para descobrirmos a alegria e a esperança daqueles que ajudam os mais sofridos, particularmente aqueles que são vítimas das drogas e da violência. Continuem a ter o povo no coração, cada vez que se encontram com Deus em suas preces e em seus trabalhos insubstituíveis.

Aos meus caríssimos padres, que poderia eu dizer? Impressionou-me a afirmação do Concílio, cujos textos fui incumbido de traduzir, em grande parte, para a nossa língua. Foi o Espírito Santo que me trouxe a São Paulo e nos transformou em um só corpo para a ação em favor do povo. A “porção do povo de Deus”, junto com os seus bispos,

constitui o sentido de toda a nossa existência.

Foi no estado de São Paulo que fiz os meus três anos de experiência após os anos de estudos rigorosos no País e no exterior. Não imaginava, porém, naquele tempo, que Deus me concedesse a graça que considero insuperável, de ordenar 284 padres e 19 bispos, justamente por ser Arcebispo de São Paulo. Os senhores bispos auxiliares, sempre tão unidos à minha pessoa e ação, ampliaram esse número que, hoje, constitui a esperança para o futuro.

A cada um dos padres de nossa Igreja, devo reafirmar que a minha vida lhes pertence, porque foi Deus mesmo que nos uniu pelo Espírito Santo para a obra de Cristo. Aos sacerdotes mais idosos, para quem construímos o lar “Casa São Paulo”, desejo neste momento exprimir minha admiração, por terem me acolhido com tanta espontaneidade na hora em que o Papa Paulo VI me designou para pastor desta cidade, quando me sentia desprevenido e despreparado para tanto.

Permitam-me, os meus irmãos presbíteros, que lhes deixem como lembrança e advertência um desejo muito simples, profundamente arraigado em meu espírito: amem este povo, rezem sempre por ele, leiam muito para acompanhar os tempos e evangelizar com ardor, muito unidos ao queridíssimo Papa João Paulo II.

Os bispos regionais sabem que formávamos e formaremos para sempre um colégio de apóstolos unidos a Cristo, guiados pelo Espírito Santo para cumprir o plano do Pai.

Meus amigos: cada palavra que brota do meu coração, neste momento, é inspirada e ungida pelo Espírito de Deus. O amor que sempre nos uniu deve preparar a solidariedade que torna mais justa e mais fraterna toda a convivência do povo de São Paulo.

PAI NOSSO...

LEIA OUTROS ARTIGOS NA PÁGINA ESPECIAL
DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
<https://osaopaulo.org.br/dom-paulo>

Família Arns: lar fecundo de vocações para a Igreja

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), filho de colonos, cresceu em meio à natureza, no solo fecundo de uma família profundamente religiosa e alicerçada na fé. Ele é o quinto dos 13 filhos do casal Helena e Gabriel Arns, imigrantes alemães.

Seus irmãos foram Olivia, Otilia, Laura, Hilda, Paulo, Ida, Felipe, Max José, Bertoldo, Heriberto, Oswaldo, João Crisóstomo e Zilda, além de Maria Maag e João Maag, adotivos. Dois deles se tornaram padres da Ordem dos Frades Menores (OFM) e quatro religiosas na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora (IENS).

RAÍZES DA FÉ

O ambiente familiar era muito favorável ao despertar vocacional. Tanto seus avós paternos quanto maternos eram imigrantes alemães. Sua mãe, Helena, era muito religiosa, cultivava nos filhos o amor a todas as pessoas e o respeito para com idosos e crianças. Todas as noites, ela reunia os filhos para o momento de oração.

Seu pai, agricultor de poucas palavras, era o mediador da colônia, sereno e justo. “De meu pai, devo dizer que era um homem de uma correção incontestável em todas as situações da vida”, escreveu Dom Paulo.

Helena e Gabriel educaram os filhos na simplicidade do lar, com amor, solidariedade, partilha, paz, justiça e comunhão, seja nos tempos de fartura, seja em tempos de dor e pobreza.

Na pequena colônia, os pais acolhiam em sua residência os padres e missionários que estavam de passagem pela cidade de Forquilha (SC). Eles vinham uma vez por ano para os sacramentos: casamentos, batizados e primeiras Comunhões.

Felipe Arns, avô de Dom Paulo, foi o responsável pela chegada à cidade da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, em 1935, comunidade em que suas netas ofertaram suas vidas a Deus.

DESPERTAR PARA A VOCAÇÃO

Aos 12 anos, o Cardeal Arns foi para a ordem seráfica



Arquivo de família

ca no Seminário São Luiz de Tolosa, em Rio Negro (PR). Na fraternidade, seus irmãos, João Crisóstomo e Oswaldo, o precederam. Os primos Ervino e Armino foram para os padres dehonianos; e Eurico para os franciscanos.

Entre as meninas, Olivia, Laura e Hilda tornaram-se freiras na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, na qual assumiram o nome religioso: Irmã Maria Gabriela, Irmã Maria Helena e Irmã Teresinha.

A prima, Erna Arns, e a irmã adotiva Maria Maag (Irmã Anita) também se consagraram na mesma congregação. Zilda Arns, morta em 2010, é mundialmente reconhecida por seu trabalho e atuação na Pastoral da Criança.

PADRE: FILHO DE COLONOS

Paulo Evaristo Arns foi ordenado padre em 30 de novembro de 1945, em Petrópolis (RJ), onde por dez anos exerceu seu ministério, dando assistência à população carente da cidade.

Ao recordar do seu pai e do despertar vocacional, Dom Paulo afirmava: “Hoje, quando os doutorados e outros títulos incomodam em vez de empolgar, lembro-

me de que tenho um, guardado como uma espécie de juramento a meu pai: sou padre, mas tirado dentre o povo. Um filho dos colonos Helena e Gabriel Arns”.

Foi nomeado por São Paulo VI como Bispo Auxiliar de São Paulo, em 1966; depois, Arcebispo Metropolitano, entre 1970 e 1998. O mesmo Papa o tornou cardeal da Igreja em 1973. Em 1998, aos 77 anos, tornou-se Arcebispo Emérito, fixando residência com as Irmãs Franciscanas da Ação Pastoral, em Taboão da Serra (SP). Faleceu em 14 de dezembro de 2016, aos 95 anos.

VOCAÇÕES PARA A IGREJA

Nelson Arns Neumann, doutor em Saúde e coordenador Nacional e Internacional da Pastoral da Criança, é filho da doutora Zilda Arns e sobrinho de Dom Paulo. Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, ele conta que a família Arns é fecunda para a Igreja em vocações.

“Seis membros consagrados na vida religiosa e cada qual com um testemunho de vida e doação que, sem dúvida, gerou esperança e transformação na vida de muitas pessoas”, disse. O médico re-

cordou ainda que a atuação da Igreja na região era muito forte na dimensão formativa, tanto intelectual quanto humana.

“Essa base formativa norteou os valores e a vocação, tanto do Cardeal Arns, do Frei João Crisóstomo, e das tias-irmãs: Maria Helena, Maria Gabriela e Hilda. Elas tinham nas veias a luta na construção de igualdade e valorização dos direitos humanos”, pontuou o sobrinho.

PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

Irmã Veroni Teresinha de Medeiros, coordenadora de Pastoral no Colégio Nossa Senhora das Dores, da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, conviveu com as freiras Arns.

“Elas eram felizes na vocação, imbuídas de uma profunda espiritualidade, de fé inabalável”, disse, recordando ainda que as irmãs de Dom Paulo eram mulheres ousadas na Educação e que sempre atuaram em cargos de coordenação na congregação como superiores provinciais e ou diretoras de escola.

“Elas acreditavam que a Educação é capaz de transformar”, disse, pontuando que a Irmã Hilda, já idosa, reside na comunidade em Forquilha. As demais já faleceram.

LEGADO DOS CONSAGRADOS

A família sempre foi unida e de muita fé. Na rotina corrida de todos os irmãos, os momentos de comunhão e encontros eram únicos; de partilha e fraternidade.

“Dom Paulo sempre expressou para nós, sua família, e para o mundo o orgulho de ser frade franciscano. Todos os anos, nas férias, celebrava a missa para a família, contava suas lutas em favor dos vulneráveis e frente aos acontecimentos da Igreja e da sociedade”, disse Nelson Arns.

“Lembro-me de duas frases que o tio Dom Paulo falava, segurando firme no braço, a cada despedida: ‘Coragem! Não tenha medo’ e ‘de esperança em esperança’, frases motivadoras para o Cardeal e de esperança para nós, sua família”, disse. “As tias religiosas sempre foram muito dóceis e atuantes na Educação”, finalizou.

Uma vocação fecundada na esperança

FERNANDO GERONAZZO
osaopaulo@uol.com.br

“Minha vocação nasceu espontaneamente com a presença de um padre, que vinha a cada mês ou a cada dois meses. Quando era criança, achava a vida de padre popular e muito importante para os colonos. Eu pensava: a coisa melhor na vida só pode ser me tornar padre também. Minha mãe era muito religiosa, o ambiente todo me favorecia. Nunca desanimei. Três vezes me pediram para que eu não fosse para o seminário, porque eu já tinha um irmão padre e três irmãs freiras. Queriam que eu ficasse para continuar o trabalho do meu pai, mas eu disse não.” Assim o Cardeal Paulo Evaristo Arns descreveu a origem de sua vocação sacerdotal, em uma entrevista à revista do Serviço Social do Comércio (Sesc), em 2002.

Sobre ser Franciscano, em outra entrevista, dessa vez à revista “Grande Sinal”, da *Editora Vozes*, em 1989, Dom Paulo relatou que, quando ganhou de presente uma edição completa do Novo Testamento, pôde conhecer melhor a pessoa e a mensagem de Cristo e sentir o mesmo encantamento que São Francisco de Assis teve ao conhecer a vida do Senhor.

“Afeiçoei-me com intensidade a todos os acontecimentos que tanto empolgaram a São Francisco: o Natal de Jesus, a vida terrena; a cruz como fonte de esperança; e a Eucaristia como expressão plena de amor”, disse o Cardeal.

FREI EVARISTO

Aos 12 anos, o pequeno Paulo Arns (seu nome de registro civil) ingressou no seminário menor. Em 1940, entrou no noviciado da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), em Rodeio (SC). Curso Filosofia em Curitiba (PR) e Teologia em Petrópolis (RJ), onde foi ordenado sacerdote, em 30 de novembro de 1945. Como religioso, adotou o nome de Frei Evaristo.

Em 1947, foi enviado à Europa, onde se formou em estudos brasileiros, latinos, gregos, literatura antiga e se doutorou em Letras pela Universidade de Paris (Sorbonne). Nesse período, também fez estágios na Alemanha, Inglaterra, Holanda e Bélgica, além de nos Estados Unidos e Canadá.

Ao retornar ao Brasil, em 1952, o então Frei Evaristo trabalhou no interior de São Paulo, nas cidades de Bauru e Agudos, onde lecionou e cuidou da formação dos frades franciscanos no Seminário Menor. Foi em Petrópolis, porém, que, além de cuidar da formação dos seminaristas, dedicou parte do seu tempo ao trabalho pastoral e se apaixonou pelos mais pobres.

AO LADO DO POVO

Essa paixão pelos mais necessitados é evidenciada nas mais de 80 páginas do pequeno livro “Um padre em sete morros abençoados”, escrito em 2005, por ocasião da celebração de seus 60 anos de ordenação presbiteral. Nele, Dom Paulo conta como era o trabalho que realizava em favor do povo, desde o atendimento aos doentes, as catequeses para as crianças, a preocupação com a educação das crianças.

No livro estão relatos do Sacerdote que se colocava à disposição do povo e não se furtava a subir os morros de Petrópolis para dar bênção em doentes e mulheres grávidas, ou que ajudou um casal de portugueses, moradores da cidade, a adotar uma criança. “Choro. Riso. Viva a criança!

Esta nos ajudou soltando seus gritinhos. Quando a futura mãe envolveu o neném nos braços, tiveram de segurar o senhor Aurélio para ele não cair de emoção. Eu mesmo o imaginava trazendo o pequeno presente de Deus, agora tão semelhante a Nossa Senhora. Era uma menina”, escreveu o Cardeal.

Em 1966, quatro meses de chuvas provocaram uma calamidade na cidade. Rochas despencaram, rolando morro abaixo e, por onde passaram, deixaram um rastro de morte, lama e destruição. Ao receber uma ligação com pedidos de socorro, Frei Evaristo convocou os estudantes. Todos trocaram os hábitos por calças, camisas e botas. Os feridos foram encaminhados ao hospital; já os mais de 40 mortos foram velados no salão do convento franciscano. “Fizemos escala, e os frades, após o banho, trajando seus hábitos religiosos, passaram a noite ao lado dos mortos, no salão da Ordem Terceira. Rezaram e cantaram a noite inteira para evitar a confusão do choro e a reclamação contra Deus, que não havia evitado essa quase insuportável calamidade.”

EPISCOPADO

Em 2 de maio de 1966, São Paulo VI nomeou Frei Evaristo Arns como Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. Então, voltou a adotar seu nome de batismo, ficando conhecido como Dom Paulo Evaristo e logo se tornou uma personalidade identificada com a metrópole, não apenas pelo nome, mas por sua vida e testemunho de pastor da Igreja.

O Cardeal Agnelo Rossi, então Arcebispo de São Paulo, confiou a Dom Paulo o pastoreio da antiga Região Norte da Arquidiocese, hoje Região Santana. Com os migrantes, que chegavam sem parar à metrópole, formavam-se bairros novos nos extremos da cidade, que crescia cada vez mais, necessitando de assistência religiosa e ação evangelizadora.

ARCEBISPO E CARDEAL

Quando o Cardeal Rossi foi chamado para ser Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, no Vaticano, São Paulo VI nomeou Dom Paulo como 5º Arcebispo Metropolitano de São Paulo, no dia 22 de outubro de 1970. Ele foi feito Cardeal pelo mesmo Pontífice no dia 5 de março de 1973 e recebeu o título da Igreja Santo Antônio de Pádua, na Via Tuscolana, em Roma.

O Cardeal Arns serviu a Arquidiocese de São Paulo como Arcebispo por quase 28 anos, com a missão de implementar as reformas do Concílio Vaticano II e de promover eficazmente a evangelização, o testemunho e a presença da Igreja na imensa metrópole. Era necessário ampliar as estruturas e serviços eclesiais, na cidade que não parava de crescer.

SEMPRE PADRE

Em sua autobiografia, ao escrever sobre a decisão de ser Sacerdote, Dom Paulo foi enfático: “Qualquer coisa que eu tenha feito em minha vida ou ainda chegue a realizar explica o fato de eu ser padre. Fui por longos anos professor, mas sempre padre-professor, ao ensinar Literatura, Teologia ou Didática. Escrevi livros e milhares de artigos mesmo antes da ordenação sacerdotal. Trazem a marca de padre. Amei muito na vida e passei por situações humilhantes, por calúnias graves e muito difundidas, mas sempre como padre, porque desejei cumprir a missão que Cristo me confiou. Meu lema de bispo, arcebispo e cardeal – ‘De esperança em esperança’ – foi escolhido na época em que eu era um simples padre.”



CAMPANHA MÊS DA BÍBLIA 2021

“Pois **TODOS** vós sois **UM** em **CRISTO JESUS**”
(Gl 3,28d)



PAULUS LIVRARIA DA PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 – Centro
CEP: 01001-001



PAULUS LIVRARIA DA VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 – Metrô Vl. Mariana
CEP: 04117-040

Adquirar com
20% DE DESCONTO



3% para assinantes de Periódicos PAULUS*

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

PAULUS

A Arquidiocese à luz do Concílio Vaticano II

Arquivo/O SÃO PAULO



Dom Paulo Evaristo Arns em visita a uma comunidade paroquial da Região Norte na época em que era Bispo Auxiliar, iniciativa que ele manteve também como Arcebispo entre 1970 e 1998

CLERO, RELIGIOSOS E LEIGOS FORAM CHAMADOS À MAIOR PARTICIPAÇÃO NA VIDA ECLESIAL A PARTIR DA SEGUNDA METADE DOS ANOS 1960

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Nomeado Bispo Auxiliar de São Paulo por São Paulo VI em 1966, Dom Paulo Evaristo Arns, OFM, chegou à Arquidiocese no momento em que a Igreja Católica em todo o mundo começava a colocar em prática as deliberações do Concílio Ecumênico Vaticano II, entre as quais a de maior participação dos leigos na vida eclesial, a revitalização das práticas pastorais em diálogo com a sociedade, mas sem abdicar das verdades da fé nem

deixar de anunciar que a humanidade é sempre chamada a encontrar Deus pelo caminho do amor fraterno (cf. Discurso de São Paulo VI, na última sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1965).

Designado pelo Cardeal Agnelo Rossi, então Arcebispo Metropolitano, para Vigário Episcopal da Região Norte (atual Região Santana), Dom Paulo Evaristo ajudou na implementação dos ideais do Concílio. Para tal, três desafios iniciais se apresentavam, conforme relatou na autobiografia “D. Paulo Evaristo Arns – Da Esperança à Utopia”, editora *Sextante*: acolher fraternalmente os migrantes, motivar que os fiéis tivessem contato frequente com a Palavra de Deus – “em todas as comunidades e paróquias, costumávamos distribuir a Bíblia a preços módicos, que podia ser lida pelos alunos que iam à escola, enquanto os pais eram analfabetos” e fazer com que participassem das missas regularmente.

Padre José Arnaldo Juliano, pesquisador da história da Igreja, Capelão do Mosteiro da Luz e Pároco da Paróquia São Cristóvão, na Região Sé, morava na Região Episcopal Norte à época. Ele conta que Dom Paulo iniciou a Missão do Povo de Deus, por meio da qual “passava de comunidade em comuni-

dade incentivando a leitura da Palavra de Deus, que respondesse às necessidades da fé e da vida do povo”. O Sacerdote destaca que o chamado a colocar os ideais do Concílio em prática se tornou ainda mais intenso após a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín 1968, quando os bispos assumiram o compromisso de revitalização da Igreja no continente.

SER IGREJA NA METRÓPOLE EM EXPANSÃO

“Minha preocupação pastoral voltava-se para o processo de revitalização da Igreja brotado no Concílio Vaticano II e lançado na Arquidiocese de São Paulo antes por Dom Agnelo Rossi. O amor aos paulistanos e aos imigrantes exigia que essa revitalização se alargasse e aprofundasse, deitando raízes nos 1.905 km² de nosso vasto território e, sobretudo, no coração de cada um dos 8 milhões de fiéis que compunham nossa Igreja particular. O povo de Deus não podia se acomodar ou desanimar numa cidade que ocupava todos os espaços com seu dinamismo”, escreveu Dom Paulo na autobiografia, ao recordar os primeiros meses como Arcebispo, função para a qual foi nomeado por São Paulo VI em outubro de 1970.

Cônego Sergio Conrado, Professor Doutor Emérito de Teologia Pastoral e Pároco da Paróquia São Miguel Arcanjo, na Região Sé, lembra que, ainda quando era Bispo Auxiliar, Dom Paulo formou na Região Episcopal Norte 16 grupos de estudos sobre os documentos conciliares e com um grupo de biblistas e teólogos criou a Semana da Palavra, baseada no documento conciliar *Dei Verbum*.

“Foi um trabalho maravilhoso que foi adotado por grande parte da Arquidiocese: revitalizar a Igreja em São Paulo a partir da Palavra de Deus. Uma vez nomeado Arcebispo, a Palavra de Deus se tornou viga mestra do seu pastoreio. Dom Paulo encarnou o serviço do pastoreio a partir da *práxis* de libertação do povo. Além disso, era claro para Dom Paulo que a Igreja é o povo de Deus encarnando visivelmente a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo em uma cidade trans-tornada e em conflitos”, avalia o Cônego.

PROXIMIDADE PASTORAL

Em um tempo no qual a divulgação das informações não ocorria de modo tão rápido como hoje e em que não havia tanta facilidade em se deslocar pela metrópole, Dom Paulo foi orientado por São Paulo VI a ter mais bispos auxiliares – houve ocasião em que havia dez bispos auxiliares na Arquidiocese –, “para que a Igreja se tornasse visível e os agentes de pastoral tivessem acesso fácil a uma autoridade capaz de decidir”, conta no já mencionado livro.

Cônego Sergio Conrado destaca que Dom Paulo Evaristo estruturou organismos para pensar e analisar a realidade do povo em São Paulo: “Para uma visão mais ampla, criou a Comissão de Ecumenismo e Diálogo Religioso da Arquidiocese (Cedra), tanto para o relacionamento entre as igrejas quanto para planejar a ação comum no campo sociopolítico, em seus aspectos éticos. A aquisição de terrenos na periferia para construção de centros comunitários foi uma marca nesta época com a ajuda da *Adveniat* da Alemanha”.

Ao longo do episcopado de Dom Paulo, foram feitos mais de 1,2 mil centros comunitários, como parte da Operação Periferia (leia mais na página 12). O Cônego ressalta que a maior presença da Igreja nas áreas periféricas levou ao contato com as necessidades do povo, o que resultou no surgimento de muitas pastorais sociais, “desde a Pastoral do Menor até à Mulher Marginalizada, a dos moradores de Rua e outras criadas conforme as necessidades. Algumas regiões e setores também criaram diferentes pastorais sociais de acordo com a sua realidade”.

FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Uma das primeiras iniciativas do Arcebispo foi a de realizar, em 1971, um curso de animação conciliar, a partir do qual se formaram quatro grupos de aprofundamento dos diversos aspectos da evangelização, da teologia e da pastoral abordados pelo Concílio.

“Este trabalho bem distribuído e incentivado proporcionou a base estratégica para preparar sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos. Todos estes, por sua vez, se comprometeram a refletir e a formar equipes de padres coordenadores em cada região da cidade, para despertar esta porção do povo de Deus que iria se transformar em sinal evangelizador para toda São Paulo e seus arredores”, escreve Dom Paulo na autobiografia.

Na avaliação do Padre José Arnaldo, “entre as iniciativas maiores de Dom Paulo estiveram a difusão da Palavra de Deus, por meio de grupos de reflexão, nos quais a Palavra de Deus era estudada e celebrada. Viviam-se a Comunhão e se atendia à necessidade da comunidade por meio caridade”.

O Sacerdote ressalta, ainda, que todas as ações foram frutos do Concílio Vaticano II e das necessidades emergentes da Igreja em São Paulo. “Tudo agora toma um novo rosto, o rosto da Igreja do Concílio Vaticano II, não é mais o rosto apenas de uma Igreja devocional que foi envelhecendo e se fechando em si, mas sim uma ‘Igreja em saída’ como hoje fala o Papa Francisco, ou seja, a Igreja sai do centro, vai para as periferias. Tudo se realizava com o objetivo da transformação da vida eclesial e da vida social. É neste contexto que surgem as pastorais das necessidades urgentes, como as da moradia, saúde e educação”, destaca, mencionando, ainda,

ente 1976-1978, “foi uma resposta aos anseios pastorais, sociais e políticos da população. Antes da escolha das quatro prioridades, foi feita uma enorme consulta em toda a Arquidiocese sob a seguinte pergunta: ‘O que o povo de São Paulo deseja da Igreja? Em que eu posso colaborar?’. Esta questão correu por meses com panfletos e cartazes em todas as paróquias e comunidades e diversos ambientes. No final, em grandes assembleias com o clero, religiosos e religiosas, leigos e leigas, não católicos, pessoas de diferentes níveis sociais, foram determinadas as grandes quatro prioridades: CEBs, Periferia, Mundo do Trabalho e Direitos Humanos. Esses quatro pontos envolviam muitíssimos outros e iriam ser desenvolvidos pelos planos posteriores”.

CEBs, PERIFERIA, TRABALHO E DIREITOS HUMANOS

Na seção “Encontro com o Pastor” do jornal **O SÃO PAULO**, entre janeiro e fevereiro de 1976, o Cardeal Arns



Arquivo/O SÃO PAULO

Padres, religiosos e leigos, em encontro sobre temas sociais na Região Episcopal Sul em 1976

a atuação de Dom Paulo pelo ecumenismo e o diálogo inter-religioso.

PRIORIDADES PASTORAIS

Ainda na primeira metade dos anos 1970, Dom Paulo conclamou o povo de Deus em São Paulo a refletir sobre as urgências para a evangelização na cidade.

O ponto de partida foi pensar a Igreja na metrópole pela Pastoral de Conjunto, que em seus eixos de ação, conforme explica o Cardeal Arns no livro autobiográfico, leva em conta a unidade dos cristãos; a formação permanente do clero, dos religiosos e do laicato; a missionariedade; um processo catequético permanente; a participação frequente na liturgia; o ecumenismo; e a dimensão social.

Em novembro de 1974, foi realizado o Ensaio de Abordagem dos Problemas de Evangelização em São Paulo. Posteriormente, um questionário de consulta foi enviado às comunidades paroquiais, e, a partir das respostas, delineou-se, no fim de 1975, as prioridades do Plano de Pastoral da Arquidiocese.

De acordo com o Cônego Sergio Conrado, este 1º Plano, que vigorou

escreveu detalhes sobre as prioridades do 1º Plano de Pastoral.

Ao falar sobre as CEBs, Dom Paulo pediu que as lideranças paroquiais pesquisassem locais onde poderiam ser instaladas e exortou que nelas se aproveitasse todas as ocasiões para o aprofundamento da fé e a formação dos agentes pastorais: “Tais comunidades de base acompanharão o ritmo da vida diária e da convivência na grande metrópole, buscando sua força no Evangelho, no Espírito, na Eucaristia, nos serviços comunitários, na relação com os pastores, num testemunho contínuo”.

Sobre a atenção com a periferia, Dom Paulo recordou que 30% da população urbana de São Paulo vivia em precárias condições de higiene, alimentação, educação e de trabalho, além de alheia às iniciativas da Igreja, razões pelas quais criou os centros comunitários. “Mesmo aqueles que pensam nada poder fazer, queiram se dispor a amar esse bom povo e a rezar por ele e, quem sabe, com ele, o programa para a periferia de São Paulo”.

No artigo a respeito do mundo do trabalho, o Arcebispo pontuou que nas

empresas havia muita preocupação com o lucro e pouca atenção à dignidade do trabalhador, situação à qual a Igreja não podia estar indiferente, o que não significava resolver as causas operárias. “O que ela pode e deve fazer é aceitar o desafio de falar às consciências, de levar os homens a modificar as estruturas e de sugerir caminhos ou pistas para novos modelos de colaboração fraterna [entre patrões e empregados].”

Em relação aos direitos humanos, Dom Paulo recordou que todas as pessoas têm igual direito à saúde, educação, casa e vida comunitária dignas; e que o agir pastoral neste campo deveria ser de oposição a quaisquer violações. “Pedimos a todos os nossos colaboradores que se orientem estrita e decididamente pela Palavra de Deus e pela voz autorizada da Igreja. Assim, não agirão de maneira isolada, mas em comunidade. [...] Ao pensarmos no homem, só seremos justos para com ele, se nos voltarmos para Deus. Dele é que derivam, em última análise, os direitos essenciais do homem”, escreveu.

UM OLHAR PARA A CIDADE DO NOVO MILÊNIO

O 7º Plano de Pastoral, o último de Dom Paulo à frente da Arquidiocese, já na primeira metade dos anos 1990, destacava a necessidade de evangelizar a cidade por meio da Pastoral Urbana, procurando atingir, pela força do Evangelho, não só territórios geográficos, mas os critérios, os valores, centros de decisão e modelos de vida na cidade.

Cônego Sergio Conrado lembra que Dom Paulo jamais dissociou a comunidade eclesial do conjunto da cidade, “pois a Igreja está inserida na cidade com todas as suas riquezas e misérias. A reflexão sobre a Pastoral Urbana iniciada pela CNBB serviu de base para que a Arquidiocese, depois de muitas consultas às comunidades e diferentes grupos da sociedade, iniciasse o seu trabalho de missão na cidade como um todo. Teve como uma de suas motivações a renovação da vida das comunidades eclesiais por ocasião da comemoração dos 250 anos de existência da Arquidiocese (1745-1995)”, explica. “Não há dúvida de que a Arquidiocese de hoje muito deve a Dom Paulo Evaristo, homem de fé, pastor incansável e de uma visão de futuro e de crença nos homens e nas mulheres, filhos e filhas de Deus”, conclui.

Meus encontros com Dom Paulo

CARDEAL ODILO PEDRO SCHERER
ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO PAULO

Dom Paulo Evaristo Arns já era o Arcebispo de São Paulo e Cardeal da Igreja quando, no início dos anos 1970, eu ainda era estudante, em Curitiba (PR). A imprensa trazia frequentes matérias sobre suas denúncias corajosas contra a tortura, a repressão às liberdades democráticas e sobre o desrespeito aos direitos humanos durante os anos do regime militar.

O primeiro encontro próximo com Dom Paulo aconteceu em 1979. Eu tinha menos de dois anos de padre, na Diocese de Toledo (PR), e o Papa Paulo VI nomeou Dom Geraldo Majella Agnelo, do clero de São Paulo, como Bispo de Toledo. Dom Paulo ordenou Dom Geraldo na Catedral da Sé no dia 6 de agosto de 1978, na mesma hora em que se anunciava ao mundo o falecimento de Paulo VI. Dom Geraldo convidou Dom Paulo para a bênção inaugural do seminário diocesano “Maria, Mãe da Igreja”, de Toledo, do qual eu era o primeiro reitor, no dia 4 de maio de 1979. Naquela circunstância, meu encontro com Dom Paulo não passou de uma ligeira saudação e pude ouvir dele algumas palavras de encorajamento.

Muito tempo se passou até que, em 28 de janeiro de 1991, tive o meu segundo encontro pessoal com Dom Paulo. E foi surpreendente. Ele fazia visitas à Santa Sé e estava hospedado no Pontifício Colégio Pio Brasileiro. Justamente naqueles dias, estava marcada minha defesa de tese de doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde também estudavam vários padres da Arquidiocese de São Paulo.

O Cardeal decidiu que assistiria à minha defesa de tese. Embora me sentisse muito honrado por tão ilustre presença, isso me valeu algum nervosismo suplementar no ato acadêmico mais importante da minha vida. E não apenas a mim: na banca, composta por ilustres professores da Gregoriana, houve um arranjo de última hora e, um deles, que havia examinado minha tese, foi às pressas substituído pelo próprio Decano da Faculdade, Prof. Padre Gerald O’Collins, SJ, para presidir o ato acadêmico. No final, tudo acabou bem e com festa. Naquela ocasião, Dom Paulo não podia imaginar, nem passava minimamente pela minha cabeça, que o jovem estudante, cuja defesa de tese ele acabava de assistir, viria a ser seu sucessor na cátedra episcopal de



Luciney Martins/O SÃO PAULO - set.2015

São Paulo, da qual ele fazia defesas bem mais importantes para o povo, para a vida e a missão da Igreja na grande cidade e em favor do povo.

Novos encontros, mais frequentes, começaram a acontecer a partir de 2002. Dom Paulo já era Arcebispo Emérito e eu, havia pouco, era Bispo Auxiliar de São Paulo, encarregado pelo Cardeal Cláudio Hummes, sucessor de Dom Paulo na Sé de São Paulo, de cuidar pastoralmente daquela mesma Região Episcopal Santana, em que Dom Paulo iniciou seu episcopado em

São Paulo. Dom Paulo morava no Jardim Guapira, bairro do Jaçanã, também na Região Episcopal Santana, numa casa que a Arquidiocese colocou à sua disposição.

Nas minhas visitas a ele, Dom Paulo gostava, entre outras coisas, de recordar o tempo em que foi Bispo Auxiliar de São Paulo e encarregado, pelo Cardeal Agnelo Rossi, de cuidar da Região Episcopal Santana. De fato, isso durou apenas quatro anos, pois em 1970 o Papa Paulo VI o nomeou Arcebispo de São Paulo e, em seguida, Cardeal da Igreja. Na frente da sua casa, no Jardim Guapira, havia um São Francisco entre laranjeiras e pitangueiras, o “irmão lobo” a seus pés, em atitude de contemplação e louvor ao

“altíssimo, onipotente e bom Senhor, por todas as suas criaturas”. Dentro da casa, perto da capelinha, um aquário com diversos peixes coloridos. Dom Paulo batia as mãos e conversava com os peixes, que vinham à flor d’água.

Em 2008, eu já era Arcebispo de São Paulo e o Cardeal mudou sua residência para uma casa pequena e simples em Taboão da Serra (SP), junto ao convento das Irmãs Franciscanas da Ação Pastoral, às quais ele estava muito ligado. Da frente da casa, avistava-se no horizonte uma parte da zona Sul da metrópole. Mostrando-se para a imensidade da cidade, com os braços bem largos, ele dizia: “Rezo todos os dias pelo Arcebispo e pela Arquidiocese!” Minhas visitas a

Dom Paulo eram regulares. Encontrava-o sempre com algum livro por perto. Certa vez, disse-me que lia todos os dias algum texto da Patrística, em grego ou latim, para exercitar a memória. Ele era Doutor em Letras pela Universidade da Sorbonne, em Paris, com especialização em Patrologia e Pedagogia.

Falava com admiração e vivacidade sobre o Papa Paulo VI e se alegrou muito quando soube que ele seria beatificado, em outubro de 2014. Infelizmente, o Cardeal não chegou a ver a canonização do Papa, ocorrida pouco tempo após a morte de Dom Paulo, em 2016. Estava sempre informado sobre os acontecimentos da Igreja e da sociedade. Irmã Teresinha, da comunidade religiosa ao lado de sua casa, como um anjo da guarda, velava dia e noite para que nada lhe faltasse. Na casa, somente poucas coisas. Na parede, o crucifixo, uma estampa de Paulo VI e fotografias da família, alguns livros na estante, a mesinha, a poltrona, a cadeira sempre pronta para as visitas. No jardim, em meio a numerosas plantas, São Francisco de Assis e o “irmão lobo” continuavam a lhe fazer companhia.

Dom Paulo gostava de comemorar seus aniversários com as pessoas mais próximas e com antigos colaboradores. Recordava, então, momentos felizes vividos na infância, passada em Forquilha (SC), com os pais e os numerosos irmãos. Falava do tempo em que foi professor em Petrópolis (RJ) e atendia pastoralmente uma comunidade “nos morros da cidade”, nos fins de semana. Em 29 de novembro de 2014, Dom Paulo quis celebrar na Catedral da Sé seu 69º aniversário de ordenação sacerdotal; foi a ocasião boa para que muitas pessoas pudessem revê-lo e ouvir dele palavras de apreço pela graça do sacerdócio. Dom Paulo teve ainda a felicidade de celebrar seus 50 anos de episcopado, nesta mesma Catedral da Sé, no dia 2 de julho de 2016, rodeado de bispos, sacerdotes, familiares, antigos colaboradores e muitas pessoas que o admiravam e lhe tinham grande estima.

O pastor que se dedicou ao povo de São Paulo, o corajoso defensor da dignidade humana, a voz firme contra torturas e violências praticadas contra indefesos e perseguidos, o defensor da justiça social e da opção preferencial pelos pobres, o formador da opinião pública nos ensinamentos do Evangelho e do ensino social da Igreja gostava de viver, quase como eremita, no seu recolhimento em Taboão da Serra. Bengalinha na mão para apoiar os passos, já inseguros, Dom Paulo viveu serenamente seus dias derradeiros em franciscana simplicidade e quietude, “de esperança em esperança”, até completar 95 anos de idade, 76 de vida consagrada religiosa franciscana, 71 de sacerdócio, 50 de episcopado e 43 de cardinalato.

Tive a graça de acompanhar de perto os últimos momentos significativos em sua vida. Dia 27 de novembro de 2016, Dom Paulo quis ir novamente à Catedral, para celebrar a ação de graças pelos seus 71 anos de sacerdócio. Ali ele dirigiu algumas palavras ao povo e concelebrou comigo a missa dominical. Depois disso, almoçou em minha residência com algumas poucas pessoas. Nessa ocasião, ele já estava com febre e início de pneumonia;

Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO - set.2015



Dom Paulo Evaristo Arns é homenageado por bispos titulares, auxiliares e eméritos de dioceses da Província Eclesiástica de São Paulo em 2015

mesmo assim, foi uma ocasião feliz para ele, tanto que recordou momentos interessantes de sua vida e, estando já próximo o Natal, entoou uma canção natalina em alemão, recordação do Natal vivido em sua infância, com a família.

Esses foram os últimos momentos públicos de Dom Paulo. Na manhã seguinte, ele precisou ser hospitalizado, para receber os necessários cuidados médicos. A situação se agravou, até o seu desenlace final, no dia 14 de dezembro de 2016. Seu funeral, na Catedral de São Paulo, contou com a participação de muitíssimas pessoas, que lhe prestaram homenagens e reconhecimento durante dois dias. Seu corpo repousa na cripta da mesma Sé, que ele serviu em vida, à espera da ressurreição final, conforme a firme esperança cristã, baseada nas palavras de Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 11,25). Essa foi sempre a grande meta da esperança que animou Dom Paulo, enquanto se dedicou na vida, “de esperança em esperança”, à sua missão e a animar o povo na esperança.

(Adaptação de artigo já publicado anteriormente na coletânea de artigos e testemunhos sobre Dom Paulo, a cargo de Prof. Waldir Augusti)

Luciney Martins/O SÃO PAULO - set.2009



Cardinal Odilo Scherer participa do aniversário de 88 anos do Cardinal Arns, em 2009

Luciney Martins/O SÃO PAULO - set.2011



Dom Paulo Evaristo Arns ao lado dos dois arcebispos que lhe sucederam na Arquidiocese: Dom Odilo Pedro Scherer e Dom Cláudio Hummes

Zeloso com os sacerdotes em favor do bem de todo o povo de Deus

FERNANDO GERONAZZO
osaopaulo@uol.com.br

Um pastor de pastores a serviço do povo de Deus. Assim o Cardeal Paulo Evaristo Arns compreendia a sua missão como Arcebispo da maior arquidiocese do Brasil.

Desde que tomou posse como Arcebispo de São Paulo, em 1970, Dom Paulo manifestou sua atenção especial com o bem do clero e a sua formação integral e permanente. Padres que se formaram nesse período confirmaram ao **O SÃO PAULO** o zelo do Cardeal Arns pelos sacerdotes, como uma forma concreta de expressar o cuidado com o bem de todos os fiéis a eles confiados.

Em 1973, o Cônego Antônio Manzatto tinha 16 anos, e havia acabado de ingressar no seminário menor do bairro da Penha, na zona Leste (hoje, Diocese de São Miguel Paulista), onde conheceu Dom Paulo, durante uma de suas muitas visitas aos seminaristas.

Naquela época, a Arquidiocese, que era a maior do mundo, vivia um processo de expansão evangelizadora da Igreja paulistana para os bairros mais distantes da cidade, o que refletia na metodologia formativa dos seminaristas, que realizavam suas atividades pastorais nas muitas comunidades eclesiais.

Além das atividades no seminário e dos estudos acadêmicos de Filosofia e Teologia, os candidatos ao sacerdócio participavam de momentos de formação complementar, retiros e encontros arquidiocesanos de seminaristas, dos quais o Cardeal Arns fazia questão de sempre participar.

VALORIZAÇÃO DOS ESTUDOS

Paralelamente à formação acadêmica, espiritual e pastoral, Dom Paulo insistia muito na formação complementar dos futuros padres. Ordenado sacerdote em 1985, Padre Tarcísio Marques Mesquita, atual Coordenador do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, iniciou seu ministério ajudando como formador no Seminário de Filosofia e, por isso, teve a oportunidade de conhecer mais de perto a preocupação do então Arcebispo com a formação dos futuros padres.



Cardeal Paulo Evaristo Arns, reunido com o clero de São Paulo em frente à Catedral da Sé durante celebração arquidiocesana

“Dom Paulo sempre nos perguntava se estávamos lendo os jornais, acompanhando os noticiários. Ele fazia uma análise crítica dos grandes jornais da época”, relatou Padre Tarcísio, complementando que o Cardeal Arns incentivava muito, por exemplo, o estudo de outras línguas.

“Ele chegou a doar parte da sua biblioteca pessoal para o antigo Seminário de Filosofia, no Ipiranga. Na época, não havia espaço adequado para colocar tantos livros. Chegamos a encher de livros duas cozinhas que estavam desativadas”, contou.

FORMAÇÃO PERMANENTE

A preocupação com a formação dos padres não se restringia apenas ao período do seminário. Dom Paulo insistia muito na formação permanente e continuada do clero. Para acompanhar de perto os jovens padres, ele iniciou a prática de encontros anuais com os sacerdotes com poucos anos de ordenação. Nesses encontros, que duravam alguns dias, o Cardeal tratava de assuntos formativos, discutia temas da atualidade e partilhava questões da vida pastoral dos jovens presbíteros.

Em meados da década de 1980 e no início dos anos 1990, Dom Paulo decidiu enviar vários sacerdotes à Europa para se especializarem em diferentes áreas aca-

dêmicas. Essa iniciativa visava a preparar padres do próprio clero arquidiocesano para lecionarem nas faculdades de Filosofia e Teologia, conjugando a devida qualificação acadêmica com o conhecimento da realidade pastoral específica da Igreja em São Paulo.

“Na pastoral, nós repercutíamos a ideia de que a juventude evangeliza a juventude, os operários evangelizam os operários, então, os padres da Arquidiocese de São Paulo trabalhavam na formação dos próprios padres daqui”, comentou o Cônego Manzatto, ordenado sacerdote em 1982 e, alguns anos depois, enviado à Bélgica, onde se doutorou em Teologia na Universidade Católica de Louvain, em 1993 e, desde então, é professor na Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção da PUC-SP.

CLERO NUMEROSO

Como, na época, a Arquidiocese compreendia os territórios das atuais Dioceses de São Miguel Paulista, Santo Amaro, Campo Limpo e Osasco, o desafio para reunir o clero numeroso era grande. Naturalmente, os padres se agrupavam a partir de suas regiões episcopais, nas quais realizavam retiros e formações periódicas.

Para fomentar a comunhão arquidiocesana, Dom Paulo promovia en-

contros periódicos com todo o clero e celebrações, como a de *Corpus Christi*, na Praça da Sé, para ressaltar a unidade da Igreja na metrópole. Padre Tarcísio frisou que o Cardeal Arns insistia muito na comunhão com o presbitério como forma de [ele] estreitar sua comunhão com o povo, pois eram os padres que viviam constantemente nas comunidades.

Os padres entrevistados foram unânimes em afirmar que Dom Paulo sempre tinha tempo para os sacerdotes. “Ele dava expediente tanto na Cúria Metropolitana quanto na sua residência, e sempre atendia os padres, não importava o horário”, contou o Padre João Júlio Farias Júnior, que desde a década de 1980 trabalha na Cúria Metropolitana como Procurador da Mitra Arquidiocesana de São Paulo.

PATERNIDADE

Os padres também reforçaram que Dom Paulo era, ao mesmo tempo, pastor e pai. Padre Tarcísio brincou que, já no fim do período do Cardeal

à frente da Arquidiocese, ele era considerado um grande “avô”, por sua ternura e atenção para com os padres.

Como todo pai, o Cardeal, por outro lado, sabia ser firme e corrigir quando necessário. “Em suas conversas, ele era capaz de nos mostrar o erro, mas, ao mesmo tempo, indicava saídas, sempre na perspectiva da esperança”, contou Padre Tarcísio.

BOM PASTOR

Dom Paulo dizia aos padres que o eixo integrador da formação sacerdotal era pastoral, de modo que todos os demais campos da vida espiritual, humana, acadêmica e social dos sacerdotes deviam ser vividos em função da missão primeira do sacerdote diocesano, que tem como referência o próprio Jesus Bom Pastor.

“Dom Paulo entendia a espiritualidade que era vivida com o povo de Deus. O estudo era necessário porque os padres precisam de boa formação para saber orientar os leigos, não era uma simples busca de glória do saber ou de títulos. Assim também acontecia em relação à vida comunitária, nas questões litúrgicas, tudo devia ser vivido para o bem do povo de Deus”, acrescentou Cônego Manzatto.

Em suas visitas ao seminário, celebrava a missa, rezava a Liturgia das Horas com os futuros padres e os exortava acerca da importância da vida de oração e sacramental, da comunhão com Deus, de rezar com o povo e deixar que os fiéis os vissem em oração na igreja, como testemunho do cultivo da vida interior.

“Recordo que, ao concluir um encontro conosco às vésperas da nossa ordenação, Dom Paulo nos disse: ‘Não se esque-

Luciney Martins/O SÃO PAULO - set2015



Dom Paulo saúda padre em visita à Casa São Paulo, fundada por ele em 1993, para acolher sacerdotes idosos e enfermos da Arquidiocese

çam dos meus doentes. Nunca deixem de visitá-los,” contou Padre Tarcísio, chamando a atenção para o carinho especial do Cardeal com os enfermos.

ADMINISTRAÇÃO

Até em relação às questões de organização administrativa, o Arcebispo afirmava que o povo já sofria com a desorganização das outras instâncias da sociedade e, por isso, não podia sofrer com a falta de organização da Igreja.

“Dom Paulo sempre foi atento às necessidades dos padres e expressava, a partir dessa atenção, sua preocupação com o bem da Igreja”, destacou Padre João Júlio, recordando que o primeiro Plano de Manutenção da Arquidiocese foi elaborado no arcebispado de Dom Paulo e, já no primeiro capítulo, expressa a preocupação com o cuidado e manutenção dos presbíteros, visando ao seu bem-estar para poderem realizar eficazmente o serviço à Igreja e ao povo.

PADRES IDOSOS

O Cardeal Arns também teve atenção especial para o crescimento do número

de padres idosos da Arquidiocese, que nem sempre podiam receber os devidos cuidados de suas respectivas comunidades paroquiais. Então, Dom Paulo teve a iniciativa de criar uma casa para o clero, que passou a ser moradia para padres idosos que se aposentavam ou necessitavam de cuidados de saúde.

Assim, em 1993, nasceu a Casa São Paulo, no Ipiranga, mantida pela Irmandade São Pedro dos Clérigos e pela Mitra Arquidiocesana. Projetada para essa finalidade, a residência possui uma estrutura acessível para os idosos e enfermos, além de religiosas e profissionais especializados no atendimento desses moradores.

A escolha do bairro do Ipiranga não foi por acaso. Estando próxima da Faculdade de Teologia, os padres idosos têm acesso à biblioteca e aos eventos acadêmicos, como estímulo para se manterem atualizados nos estudos. A casa também é vizinha ao seminário, permitindo que os seminaristas visitem os padres idosos, troquem experiências e contem com sacerdotes para a direção espiritual.

ENTRE GERAÇÕES

Na Casa São Paulo residem sacerdotes idosos que se aposentaram, padres em tratamento temporário de saúde, aqueles que exercem funções arquidiocesanas não paroquiais, alguns padres professores e que, eventualmente, estão fazendo algum estudo de especialização, devido à proximidade da faculdade.

Ao contrário de um simples asilo, essa residência tem o objetivo de promover o constante intercâmbio de experiências entre padres de diferentes gerações e o estreitamento dos laços de fraternidade presbiteral e cuidado recíproco.

Cônego Manzatto, que atualmente coordena a Casa São Paulo, afirmou que, em seu “testamento”, Dom Paulo destinou alguns de seus pertences para essa instituição, expressando que, com sua decisão, queria manifestar o amor que sempre teve pelo clero.

Douglas Mansur/Arquivo O SÃO PAULO



Cardeal Paulo Evaristo Arns em celebração na Igreja Imaculada Conceição, anexa às Faculdades de Filosofia e Teologia, no bairro do Ipiranga, na zona Sul, onde estudam os seminaristas

Um pastor com o olhar voltado para a evangelização

Irmã Maria de Lourdes Schramm, mjc



Arquivo pessoal



FERNANDO GERONAZZO
osaopaulo@uol.com.br

Logo que Dom Paulo Evaristo Arns veio para São Paulo, ainda como Bispo Auxiliar na então Região Norte (hoje Região Santana), começou a ter contato com a realidade da periferia da cidade e, aos poucos, buscava a organização da Igreja nessas regiões mais afastadas do centro. Anos depois, já como Arcebispo, o Cardeal Arns propôs uma ação missionária inovadora para toda a Arquidiocese.

Motivado pela Campanha da Fraternidade de 1972, que tinha como lema “Descubra a felicidade de servir”, Dom Paulo lançou a Operação Periferia, convocando a Igreja em São Paulo a se voltar para a população que vivia nas periferias, tanto geográficas quanto sociais.

Na edição de 2 de fevereiro de 1972, **O SÃO PAULO** noticiou a proposta. “Em São Paulo, o serviço é exigência humana e cristã, pois o problema da periferia nos fere os olhos, o coração, e terá que mobilizar as nossas mãos. A Operação Periferia será, pois, a ação por excelência desta Quaresma, toda colocada debaixo da Fraternidade”, afirmou Dom Paulo, que, naquele ano, destinou 35% da arrecadação da Campanha da Fraternidade a várias atividades missionárias e pastorais realizadas na periferia. Seguindo os passos de seu patrono, o Apóstolo São Paulo, o Cardeal Arns queria evangelizar.

MAIOR ARQUIDIOCESE DO MUNDO

Essa ação missionária vigorou de 1972 a 1978, quando a

população da periferia no território da Arquidiocese atingia cerca de 4 milhões de pessoas. Nessa época, São Paulo era a maior Arquidiocese do mundo e compreendia toda a capital paulista e alguns municípios da região metropolitana, como Osasco, Itapeverica da Serra, São Roque e Ibiúna, incluindo áreas rurais.

Concretamente, a Operação Periferia propôs constituir comunidades, dar formação litúrgica, bíblica e catequética a leigos e animadores, criar centros comunitários, integrar recursos humanos e materiais de todas as comunidades da cidade.

Em um dos subsídios da Operação Periferia, o Cardeal dizia: “A periferia nos pede uma ação intensa e imediata, e não apenas palavras e bons propósitos. Para situações de emergência, reclama-se de soluções audaciosas que quebrem todas as barreiras do egoísmo e da burocracia”.

Um dos marcos dessa operação foi a venda, em 1973, do Palácio Pio XII, residência do Arcebispo à época. Com o dinheiro da transação, foram adquiridos mais de 500 terrenos em São Miguel Paulista, Guaianases, Jardim Vista Alegre, Jardim Tremembé, entre outros, para a instalação de comunidades. Além disso, a Operação Periferia contou com a ajuda financeira das organizações alemãs *Misereor* e *Adveniat*.

IGREJA EM MISSÃO

O coordenador-geral da Operação Periferia foi o Padre Ubaldo Steri, sacerdote italiano e até hoje Pároco da Paróquia Nossa Senhora das Graças, no Jabaquara, Região Episcopal Ipiranga. Ele explicou à reportagem que não era apenas socialmente que a periferia sofria.

“Com a crescente migração de pessoas do Norte e Nordeste do País, nem os poderes públicos nem a Igreja deram atenção até então para essa realidade periférica. Junto aos milhões de pessoas, não havia paróquias e padres suficientes.

Os poucos que existiam eram missionários estrangeiros.” Segundo o coordenador, a ideia era “criar igreja local para envolver o povo”.

A Operação Periferia propunha uma grande movimentação de padres diocesanos e religiosos, religiosas, leigos, todos chamados a contribuir para o desenvolvimento de uma Igreja mais missionária por meio de formações, cursos, encontros e reuniões que aconteciam nos setores, nas regiões episcopais e também em âmbito arquidiocesano.

“Seria imperdoável se neste momento não estimulássemos todas essas forças vivas, que poderão, por sua vez, descobrir e animar as próprias comunidades da periferia, e assim desenvolver a autpromoção, única solução a longo prazo”, disse Dom Paulo (**O SÃO PAULO**, 03/06/1972).

PEQUENAS COMUNIDADES

Ainda como Bispo Auxiliar, motivado pelas propostas do Concílio Vaticano II, tomou a iniciativa de formar uma equipe de pastoral chamada “Missão Povo de Deus”, constituída por padres, religiosas e leigos para a implantação dos documentos do Concílio, que depois, fortalecida pela Conferência de Medellín (1968), iria implantar pequenas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nas 50 paróquias da Região Norte. No período seguinte, como Arcebispo de São Paulo, ele levou essa mesma ideia para toda a Arquidiocese a partir da Operação Periferia. “O povo crescia na fé, testemunhava a solidariedade e trabalhava junto”, explicou Padre Ubaldo.

As comunidades eram construídas em mutirão, com a participação de todos os fiéis e com a ajuda vinda da Arquidiocese e das entidades do exterior para a compra dos terrenos e, eventualmente, de materiais de construção. Muitas paróquias da região central assumiram essas novas comunidades como uma espécie de in-

tercâmbio que buscava estreitar a proximidade das diferentes realidades da cidade.

“Se nos engajássemos juntos na periferia, talvez descobríssemos aí quanto os homens pobres podem ser generosos, como sabem repartir, que alegria lhes proporciona esta coparticipação em tudo!”, disse Dom Paulo (**O SÃO PAULO**, 30/06/1973).

FRUTOS

Em 1978, a Operação Periferia foi oficialmente concluída e se tornou a Pastoral da Periferia, inserida nas diferentes iniciativas pastorais da Arquidiocese. Paralelamente, surgiram as pastorais sociais e o 1º Plano Arquidiocesano de Pastoral, de 1976.

A Operação Periferia expandiu a presença da Igreja em territórios que, posteriormente, deram origem às dioceses de São Miguel Paulista, Santo Amaro, Campo Limpo e Osasco, criadas em 1989. Nesse período, foram criadas 43 paróquias e cerca de 1,2 mil comunidades. Muitas dessas comunidades foram embriões de novas paróquias.

No livro “D. Paulo Evaristo Arns – Da Esperança à Utopia”, o Cardeal Arns relatou a ocasião em que reservou um domingo para visitar algumas comunidades e celebrou uma missa para mais de 20 mil pessoas em gratidão pela Operação Periferia. “Jesus, que foi mal acolhido na terra dos homens, abençoava as pessoas que recebiam bem os nordestinos e demais brasileiros que procuravam refúgio em São Paulo. Acolher é amar, e amar é cumprir o destino principal da vida”, disse.

O Arcebispo e as obras de misericórdia em favor do próximo

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Ao longo dos quase 28 anos em que esteve à frente da maior Arquidiocese do Brasil, Dom Paulo Evaristo Arns testemunhou a fé por meio das obras de misericórdia – dar de comer a quem tem fome, de beber a quem está nu, de cuidar de quem está doente, de visitar quem está encarcerado, entre outras obras corporais e espirituais (cf. Mt 25,34-40).

A seguir, estão algumas das iniciativas conduzidas pelo “Cardeal da Esperança”, com apoio dos leigos, padres, religiosos e bispos auxiliares.

ATENÇÃO AOS ‘IRMÃOS DA RUA’

Era noite de Natal e Dom Paulo recebeu o pedido para que permitisse que algumas pessoas em situação de rua participassem da vigília. “Na hora do sermão, pensei que o Menino Jesus precisava de um lugar decente para morar entre nós. Num impulso, que foi certamente obra do Espírito Santo, criei, naquele momento, em conversa com o concelebrante [Padre Júlio Lancellotti], o Vicariato do Povo da Rua”, escreveu o Cardeal da Esperança na obra “D. Paulo Evaristo Arns – Da Esperança à Utopia”, editora Sextante.

O Vicariato iniciou suas atividades em 1993. No ano seguinte, ouvindo o pedido dos “irmãos da rua”, Dom Paulo decidiu construir a Casa de Oração do Povo da Rua, no bairro da Luz. Para tal, usou os 190 mil dólares que recebera da fundação japonesa Niwano, em prêmio concedido àqueles que atuam pela paz na sociedade.

“Dentro de poucos anos, o Deus da misericórdia que, espero, seja complacente comigo, inevitavelmente me fará esta pergunta: ‘Estive nu em São Paulo e você não me ce-deu senão o Palácio Episcopal? Não vai me dar agora o dinheiro recebido pelo prêmio da paz?’, escreve o Arcebispo no referido livro.

A Casa de Oração do Povo da Rua foi inaugurada em 28 de junho de 1997 e ainda hoje realiza atividades de evangelização, distribui refeições e roupas aos “irmãos da rua” e, em situações emergenciais, como na onda de



Ao lado dos bispos auxiliares e do Padre Júlio Lancellotti, Dom Paulo Evaristo abençoa e inaugura a Casa de Oração do Povo da Rua em 1997

frio registrada em julho deste ano, também é aberta às pessoas que não têm onde pernoitar.

JUSTIÇA E PAZ

Diante dos crescentes registros de violações aos direitos que muitas pessoas sofreram ao longo do regime ditatorial no Brasil, Dom Paulo Evaristo criou, em 1972, a Comissão Justiça e Paz de São Paulo (CJPSP).

O organismo teve entre seus fundadores o jurista Dalmo Dallari – que foi o primeiro a presidi-lo, Fábio Konder Comparato, José Carlos Dias, Marco Antonio Barbosa, Antonio Funari Filho e Margari-da Genevois.

Inicialmente, as reuniões aconteciam na casa de Dom Paulo, onde se colhiam informações e depoimentos das vítimas da ditadura. Não raras vezes, o Arcebispo ia a Brasília (DF) para falar com autoridades militares e civis, visitava presídios para apurar denúncias de torturas, exigia medidas do governo, em especial diante de casos de prisões arbitrárias, torturas e o sumiço de pessoas.

“Dezenas, senão centenas e milhares de brasileiros foram preservados da tortura e mesmo da morte por causa da ação decidida e corajosa de todos os membros dessa comissão valorosa que Deus suscitou no momento mais decisivo de nossa reação contra o regime totalitário”, escreveu Dom Paulo.

NOS CÁRCERES

Na Arquidiocese de São Paulo, o Cardeal Arns estruturou os trabalhos de evangelização da Igreja nas prisões, algo que ocorria desde os anos 1960, mas que foi sistematizado como Pastoral Carcerária a partir de 1985.

Desde quando era Bispo Auxiliar da

Arquidiocese (1966-1970), Dom Paulo visitava regularmente a Casa de Detenção e a Penitenciária Feminina, no bairro do Carandiru. “Habituei-me de tal maneira às visitas à penitenciária, que todas as semanas eu me oferecia para celebrar a eucaristia com as irmãs encarregadas do presídio feminino e comparecia ao menos uma vez por mês para visitar os presos, participar da Legião de Maria que ali funcionava e até para cortar o cabelo e engraxar os sapatos”, conta em sua biografia.

Na época do regime ditatorial, as visitas do Arcebispo aos cárceres se tornaram mais frequentes para averiguar se os direitos dos que estavam presos por supostos crimes políticos estavam sendo respeitados. “Quando Cristo me perguntar: ‘Estive preso, você me visitou?’ – espero que me perdoe todas as omissões nessa área de sofrimentos indizíveis, porque não só os visitei, mas estive preso com eles, unido pela mais irrestrita solidariedade”, escreve em sua biografia.

CENTRO SANTO DIAS DE DIREITOS HUMANOS

No fim dos anos 1970, eram recorrentes os relatos de violência policial, especialmente contra a população mais pobre. Uma dessas ações resultou na morte do operário Santo Dias, em 1979, e foi o estopim para que se organizasse por parte da Igreja uma ação mais coordenada para a defesa dos direitos humanos.

Assim, no segundo semestre de 1980, Dom Paulo inaugurou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, que depois receberia o nome de Santo Dias, tendo como primeiro coordenador o jurista Hélio Bicudo.

Os trabalhos se concentravam na assistência jurídica às vítimas e no encaminhamento das denúncias de violência policial, além da capacitação do povo, por meio de

publicações e palestras, para que conhecessem os próprios direitos e soubessem como denunciar violações.

“O Centro Santo Dias nos incentivou a criar uma série de pastorais que defendiam os direitos humanos em outros campos, como da moradia, do salário justo e das greves para casos extremos”, conta Dom Paulo no já referido livro.

EM DEFESA DAS VIDAS MAIS FRAGILIZADAS

Na Arquidiocese de São Paulo, Dom Paulo apoiou e iniciou muitos trabalhos de atenção pastoral e caritativa em favor das vidas mais fragilizadas.

Ele estimulou, por exemplo, a formação da Pastoral dos Enfermos (atual Pastoral da Saúde) em 1975; em meio à expansão de casos do HIV no País, criou a Casa Vida, em 1991, para amparo às crianças soropositivas; e, em 1994, estimulou que se formasse a capelania do Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

Dom Paulo também deu todo o suporte para que se iniciasse, em 1977, a Pastoral do Menor e foi o grande articulador para a formação da Pastoral da Criança, após um encontro que teve, em 1982, com o diretor executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Essa pastoral seria iniciada no ano seguinte, liderada por sua irmã, a médica pediatra Zilda Arns Neumann.

Ao longo de seu episcopado, motivou as ações do Amparo Maternal, criado em 1939 para o atendimento a gestantes e puérperas em situação de vulnerabilidade social. Dom Paulo obteve doações no exterior para que os atendimentos não fossem encerrados, e já como Arcebispo Emérito, no começo dos anos 2000, doou R\$ 30 mil para que a instituição mantivesse suas atividades.

Oração: a força para as ações do 'Cardeal da Esperança'

A FÉ E A ESPIRITUALIDADE SÃO ELEMENTOS QUE DOM PAULO EVARISTO ARNS HERDOU DA FAMÍLIA E CULTIVOU ATÉ O FIM DA VIDA

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Dom Paulo Evaristo Arns nasceu em uma família profundamente religiosa. Dos pais, Helena e Gabriel, herdou a dimensão da fé, da coragem e da esperança, acima de todas as dificuldades.

Uma vida marcada pela fé inabalável e ancorada na centralidade em Jesus. Guiou-se por sua fidelidade a Cristo em profunda comunhão franciscana, em sintonia com os apelos da Igreja e próximo das pessoas pobres e excluídas da sociedade.

PONTO DE PARTIDA

Em sua obra autobiográfica "D. Paulo Evaristo Arns – Da Esperança à Utopia", ele recorda sua origem simples e humilde, filho de colonos, que, por amor a Cristo e a São Francisco, se consagrou na Igreja a serviço dos pobres.

Em Forquilha (SC), onde nasceu, na colônia de imigrantes alemães, a escola e a capela eram as preocupações das quase 30 famílias da época. Viu seus pais se empenharem com esmero para a educação intelectual, cultural e religiosa dos filhos.

Além dos conteúdos de Português, Matemática, Geografia e História do Brasil, os professores ministravam aulas de Bíblia e de Catecismo e, ainda, incentivaram os alunos a participar aos domingos, com a família, das celebrações. Na primeira sexta-feira de cada mês, um padre ia à comunidade para presidir a missa.

A celebração aos domingos, conduzidas pelos professores, além de recordar o Dia do Senhor, representava o encontro do povo com Deus, o reencontro das famílias e o enaltecimento da vida. A família Arns nutria profunda devoção a Nossa Senhora e, todas as noites, rezava pelas vocações.



Dom Paulo em missa na Catedral da Sé: 'Rezar é a missão mais essencial de todo o cristão que assume seu Batismo, sua união com Cristo'

PARA SERVIR

O primeiro contato de Dom Paulo com um frade franciscano se deu aos 9 anos de idade, quando recebeu a primeira Eucaristia e ficou encantado pelo hábito marrom usado pelo religioso e pela forma e entusiasmo com que falava de Deus, do Evangelho e dos ensinamentos do *poverello* de Assis.

No seminário, apaixonou-se pela espiritualidade franciscana. Seu episcopado foi marcado pela esperança evangélica, viveu seu ministério com zelo e dedicação, especialmente nos tempos obscuros da história do País. Caminhou junto com seu povo no pastoreio e na luta por justiça e dignidade.

VIVER PARA DEUS

Irmã Devani Maria de Jesus é religiosa da Congregação das Franciscanas da Ação Pastoral e coordenadora da Comunidade Nossa Senhora dos Anjos, em Taboão da Serra (SP), local onde o Cardeal Arns residiu após se tornar Arcebispo Emérito de São Paulo.

A Freira conheceu Dom Paulo quando ingressou na congregação em 1969, e é testemunha da intensa vida de oração que, até o fim da vida, experimentou o "Cardeal da Esperança".

A Religiosa contou à reportagem que, antes do nascer do sol, Dom Paulo se dirigia à capela para a oração da Liturgia das Horas, a oração oficial da Igreja, ao clero e religiosos. Em seguida, celebrava a Santa Eucaristia, na Capela do Convento.

"Ele sempre começava e concluía o

dia na presença de Deus, por meio da oração. Nunca dormia, por mais cansado que estivesse, sem antes rezar. Respeitava esse momento sagrado e não abria mão desse encontro profundo com Deus", recordou.

MOVIDO PELA ORAÇÃO

A oração era a força motriz que o mantinha fortalecido para as batalhas da vida. O Cardeal Arns, mesmo em suas internações hospitalares, não deixou de celebrar a Santa Missa e rezava diariamente o Santo Terço.

"Dom Paulo foi um grande Pastor que teve a Eucaristia como alimento ao longo da sua existência, da caminhada e perante os maiores desafios", disse a Freira.

Desde os tempos do noviciado franciscano, cultivava grande devoção ao Divino Espírito Santo. A Religiosa recordou que o Cardeal "rezava mais de cem vezes por dia a oração ao Espírito Santo, em latim. Apaixonado pelo Cântico de São Francisco, amava cantar com a alma e dinamizar as celebrações".

"Ele sempre foi um homem sereno porque acreditava na força da fé e confiava tudo nas mãos de Deus", pontuou a Religiosa, destacando, ainda, que Dom Paulo construiu sua trajetória pautada nos valores herdados da família: oração e trabalho; fé e ação.

PALAVRA DE DEUS E A VIDA DO POVO

Além de rezar e meditar a Palavra

de Deus, Dom Paulo dedicava um período, no início da manhã, à leitura orante da Bíblia. Ele fazia a primeira meditação do livro sagrado em grego, e depois aprofundava a leitura exegética alternando as várias traduções disponíveis.

Em seguida, destinava um período para a leitura de jornais, revistas e livros. O Cardeal Arns tinha a assinatura dos grandes jornais de São Paulo e do País, de revistas brasileiras e internacionais: francesa, inglesa, italiana e norte-americana.

"Ele sempre estava em sintonia com os acontecimentos em âmbito nacional e mundial. As leituras eram, segundo ele mesmo afirmava, uma forma de exercitar a memória e também de não esquecer os idiomas que aprendera", disse a Freira, ressaltando ainda que Dom Paulo era uma "enciclopédia ambulante".

"Dom Paulo, sempre com o seu sorriso peculiar, acolhia a todos. Pregador e testemunha destemida do Evangelho. Homem da ternura, manso, firme, viveu a pobreza evangélica, amou os sacerdotes e incentivou a vida religiosa consagrada. Acolheu e capacitou as lideranças leigas. E foi um homem profundamente orante, movido pela oração que o nutria em sua vocação religiosa e pastoral", afirmou.

"Rezar é a missão mais essencial do franciscano, do padre e de todo cristão que assume seu Batismo, sua união com Cristo", escreveu o Cardeal Arns.

PUC-SP destaca Dom Paulo como ‘mensageiro da justiça e da paz’



Dom Paulo; reitora da PUC-SP, Nadir Kfoury; e o governador Franco Montoro

FERNANDO GERONAZZO
osaopaulo@uol.com.br

“Dom Paulo Evaristo Arns e a PUC-SP: autonomia e compromisso social” foi o tema do evento acadêmico *on-line* realizado no dia 8 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nas comemorações do centenário de nascimento do Cardeal Paulo Evaristo Arns.

A *live* contou com a participação do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e Grão-Chanceler da PUC-SP, professores e convidados que refletiram sobre a atuação do Cardeal Arns no período em que foi Grão-Chanceler da instituição, entre 1970 e 1998.

Ao abrir o evento, Dom Odilo recordou alguns aspectos biográficos de seu predecessor, com destaque para a sua trajetória ministerial e acadêmica, que ajudam a compreender sua relevância para a vida da universidade. “Se desvinculamos as pessoas de sua história, de seu momento, biografia e contexto, nós as transformamos em ideias. Dom Paulo não foi um mito, mas um personagem que atuou em um momento preciso da história e deu sua contribuição”, afirmou.

GRÃO-CHANCELER

A atual reitora da PUC-SP, Maria Amalia Pie Abib Andery, recordou que o Cardeal Arns foi Grão-Chanceler por mais de um terço da existência da universidade, que, este ano, comemora seu 75º aniversário.

“Em seu período, a universidade passou por enormes transformações. Muito do que

hoje, para nós, é uma marca da PUC-SP, foi construído nessa época”, afirmou a professora, sublinhando que Dom Paulo sempre cobrou que a instituição exercesse seu papel social de defesa da democracia, dos direitos humanos e do compromisso da construção de um país e uma cidade com menos desigualdade.

APOIO À CIÊNCIA E AOS PROFESSORES

“Dom Paulo trouxe para esta universidade vários dos mais importantes intelectuais brasileiros, para atuarem como docentes, quando eram perseguidos e aposentados compulsoriamente pela ditadura militar. Trazendo, assim, um enorme arcabouço de conhecimento e uma ideia nova de universidade para cada um de nós”, acrescentou a reitora.

A professora Maria Amalia salientou, ainda, que o Cardeal Arns defendia a ciência e a liberdade acadêmica, citando como exemplo o apoio dado para que a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizasse sua reunião anual de 1977 na PUC-SP, após ser impedida pelo governo da época de fazê-lo em alguma universidade pública.

“Dom Paulo viveu sua vida cristã e sua inegável solidariedade com os mais vulneráveis e sua constante presença ao lado dos pobres”, completou Maria Amalia, acrescentando que seu exemplo como Grão-Chanceler marcou a PUC-SP.

IGREJA MISSIONÁRIA E FORMADORA

O professor emérito e reitor

da PUC-SP entre 1985 e 1988, Luiz Eduardo Wanderley, recordou Dom Paulo como “um mensageiro da justiça e da paz”. No que se refere à vida da universidade, Wanderley lembrou o episódio da invasão do *campus* da instituição por militares, em 1977, quando Dom Paulo, por meio do diálogo e do questionamento às autoridades, conseguiu reverter a situação.

“Dom Paulo desejava que a Igreja de São Paulo fosse missionária e formadora [...]. Desafiou a universidade a sair dos seus muros e realizar ações nas periferias da cidade, concretizando o famoso compromisso social, além do ensino e da pesquisa”, afirmou Wanderley, destacando o trabalho realizado com equipes de professores e estudantes na prestação de diversos serviços à população.

COMPROMISSO SOCIAL

Antônio Carlos Caruso Ronca, professor emérito e reitor da PUC-SP entre 1993 e 2004, também relatou a experiência de conviver e trabalhar com Dom Paulo no período que esteve à frente da universidade.

“Dom Paulo foi um ser humano muito consciente de sua vocação e de sua missão”, afirmou o professor, definindo o Cardeal Arns como um homem terno, afetivo, mas, quando as situações exigiam, sabia ser firme nas decisões. O ex-reitor também recordou as oportunidades em que pôde ouvir Dom Paulo expressar suas preocupações com as situações de sofrimento do povo, os problemas da Igreja e da sociedade.

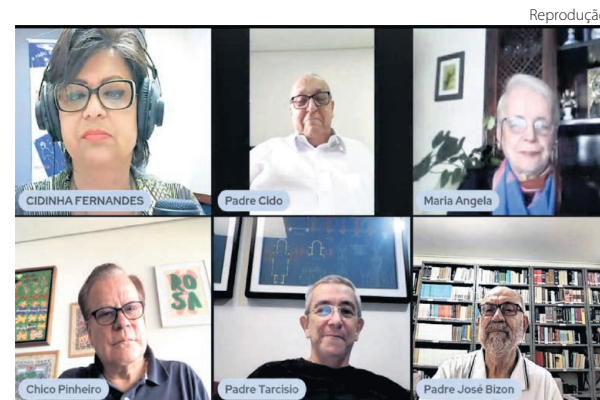
“Por várias vezes, ouvi dele a frase: ‘A PUC-SP deve sempre se preocupar com as grandes questões que afligem a humanidade’ e completava ‘é para isso que ela existe como universidade e como católica’”, afirmou Ronca, reforçando que, ainda hoje, Dom Paulo é uma fonte de inspiração para a universidade.

Ainda sobre o legado de seu predecessor, o Cardeal Scherer concluiu: “Dom Paulo é um ilustre personagem que honra a Igreja Católica, mas também é uma personalidade pública que teve um protagonismo singular no seu tempo. Ele, agora, pertence à história”.



O Senado Federal realizou na segunda-feira, 13, uma sessão em homenagem ao Cardeal Paulo Evaristo Arns (1921-2016), que na terça-feira, 14, completaria 100 anos de vida. Os senadores destacaram a luta incansável do Arcebispo de São Paulo entre 1970 e 1998 pela redemocratização do País e sua dedicação aos mais vulneráveis da sociedade. A sessão foi proposta pelo senador Flávio Arns, sobrinho do homenageado. Entre os participantes da atividade esteve o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, que lembrou que o serviço de Dom Paulo “à Igreja e à comunidade humana teve sempre a marca da esperança. Seu lema ‘de esperança em esperança’ é inspirado na Palavra de Deus e serviu de orientação para vida e ação episcopal do Cardeal”.

Também na segunda-feira, 13, Dom Paulo foi homenageado em uma audiência pública pela Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados, em sessão proposta pela deputada Luiza Erundina, que foi prefeita de São Paulo entre 1989 e 1992. Dom Joel Portella Amado, Secretário Geral da CNBB, também participou da atividade. Ele destacou que o Cardeal Arns demonstrou com sua própria vida que a virtude da fé é inseparável da esperança e da caridade. “Dom Paulo, mesmo nos momentos mais difíceis, nunca deixou de dialogar. Juntos com os bispos e na relação com a sociedade, sempre atuou em vista da unidade, da comunhão e da colegialidade, tratando todas as pessoas com respeito, particularmente quem pensava diferente dele”.



Na sexta-feira, 10, a rádio **9 de Julho** realizou o programa “Construindo Cidadania” com o tema “Dom Paulo: a esperança vivida e anunciada”. Apresentado por Cidinha Fernandes, participaram os Padres Cido Pereira, Tarcísio Mesquita e Jose Bizon; o jornalista Chico Pinheiro e a ex-secretária do Cardeal Arns, Maria Ângela Borsoi. Eles compartilharam as experiências vividas com Dom Paulo. Para assistir ao programa, acesse: <https://tinyurl.com/yglg3qs4>.

Os ideais de Dom Paulo se perpetuam no legado de suas obras literárias

PUBLICAÇÕES DO 'CARDEAL DA ESPERANÇA' MOSTRAM COMO ELE FOI UM ÁRDUO DEFENSOR DA VIDA E DA DIGNIDADE HUMANA A INSPIRAR AS NOVAS GERAÇÕES

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

A disposição e o compromisso de Dom Paulo Evaristo Arns com a defesa da vida, em todos os âmbitos e sentidos, não se limitaram ao resultado das ações concretas em que esteve pessoalmente envolvido, mas se estenderam por um legado de obras – edificado desde a sua juventude, entre livros, prefácios, artigos, publicações e traduções – equivalente a um verdadeiro patrimônio literário.

Nutrido desde a infância com os valores humanistas, familiarizado com as palavras e entusiasta das Letras, encontrou nas instituições de ensino superior parisienses – entre elas a Sorbonne, na qual defendeu sua tese de doutoramento –, o cenário adequado para dar continuidade, de maneira mais consistente, à sua produção textual.

TALENTO LAPIDADO

Embora o gosto pela escrita tivesse aflorado desde muito cedo, foi no ambiente acadêmico que encontrou solidez definitiva, mediante um trajeto que o conduziria à realização autoral. Assim, num universo em que teologia, línguas e literatura dialogavam harmoniosamente, uma curiosidade específica despertou a atenção daquele jovem sacerdote: a maneira com que os cristãos da Igreja primitiva se dedicavam às palavras escritas e como registravam as experiências que viviam. O que o levou a se interessar e enveredar por esse caminho é explicado por suas próprias palavras.

“No dia de minha profissão religiosa, estava iniciando os 20 anos de vida e me perguntava como faz todo mundo: ‘Que será do meu futuro?’”, escreve Dom Paulo. “Nesse momento, me entregaram a carta de meu irmão padre, que dizia: ‘Dedique-se à literatura cristã dos primeiros séculos, porque você gosta de latim e grego, e o Brasil precisa de informações sobre esta era tão rica e tão desconhecida’”.

PRIMEIRA OBRA DE MUITAS

Este foi o impulso que o conduziu, tempos depois, a elaborar a obra “A técnica do livro segundo São Jerônimo”, tema abordado em sua tese doutoral, que se transformou em seu primeiro livro oficial, lançado originalmente em francês, ainda em meados dos anos 1950, e traduzido posteriormente para outras línguas, como o português e o italiano.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Nesta obra, ele esmiuça e perpassa todo o processo de composição da escrita, incluindo as variadas etapas de edição e divulgação, ainda nos primeiros séculos, daqueles escritos que deram origem aos textos bíblicos canonicamente reconhecidos.

Desde então, ao longo de uma vida marcada por gestos de solidariedade e empenho aos mais vulneráveis, e defesa dos direitos humanos, o “Cardeal da Esperança” escreveu, ao todo, 57 livros, bem como prefaciou outros tantos.

AMPLO LEQUE

Embora seu portfólio abranja uma ampla pluralidade de temas que vão desde questões de educação e ensino, Matrimônio, fraternidade, participação dos leigos na Igreja, até oração, evangelização, sacramentos, crianças, jovens, mulheres, família, vida religiosa e devoções, entre outros, foi seu livro autobiográfico “D. Paulo Evaristo Arns – Da Esperança à Utopia” que alcançou grande repercussão por trazer detalhes de sua atuação pastoral como Arcebispo da maior arquidiocese do País.

PERÍODO DELICADO

Por tratar do delicado tema da salvaguarda dos direitos humanos, grande destaque também obteve o livro “Brasil Nunca Mais”, lançado em 1985.

“As angústias e esperanças do povo devem ser compartilhadas pela Igreja. Confiamos que esse livro, composto por especialistas, nos confirme em nossa crença no futuro”. Com estas palavras, Dom Paulo Evaristo inicia o prefácio da obra, um excerto de um grande projeto capitaneado por ele, em parceria com o pastor presbiteriano Jaime Wright e pelo rabino Henry Sobel.

A obra foi a solução encontrada para proporcionar a divulgação de um extenso trabalho documental dos crimes ocorridos durante o regime militar brasileiro (1964-1985).

Por meio da pesquisa realizada, que contou com a colaboração de 30 especialistas, reuniu-se informações extraídas de mais de 1 milhão de páginas, provenientes de mais de 700 processos do Superior Tribunal Militar, o que permitiu conhecer a extensão da repressão política no País entre 1961 e 1979.

O então Arcebispo de São Paulo classificou a tortura como desumana. “É o meio mais inadequado para nos levar a descobrir a verdade e chegar à paz”, menciona em outro trecho do texto que prefaciou a obra.

Ainda segundo afirmou em uma entrevista à época do lançamento do livro, o propósito da publicação era ser um “registro histórico e objetivo, sem qualquer ânimo revanchista”.

A lista completa dos livros escritos por Dom Paulo pode ser vista em www.osaopaulo.org.br/dom-paulo.